



São Bernardo

Graciliano Ramos

O contexto histórico: um tempo de crises

No ano de 1929 ocorre o *crack* da Bolsa de Nova Iorque, o que vai afetar violentamente o preço do café, principal produto de exportação do Brasil. No ano de 1930, Getúlio Vargas lidera uma revolução no Rio Grande do Sul, contra o governo de Washington Luís. Com apoio da Paraíba e de Minas Gerais, Washington Luís é deposto em pouco tempo, assumindo o governo do país uma junta militar provisória. É dissolvido o Congresso Nacional e, à exceção de Minas Gerais, os Estados passam a ser governados por interventores federais nomeados. Getúlio Vargas é aplaudido no Rio Grande do Sul e a nação apoia um governo revolucionário. O país entra em crise, enfrentando greves, tumultos. Os estoques de café, para garantia de preço, são queimados.

Em São Paulo, 1932, eclode a Revolução Constitucionalista, que defende a autonomia dos Estados. São Paulo perde a luta.

No ano seguinte, 1933, realizam-se eleições para formar a Constituinte. Em 1934 é promulgada a nova Constituição Brasileira. Getúlio Vargas vai à presidência da República. Em 1935, aprova-se a Lei de Segurança Nacional, dando ao governo poderes de repressão das atividades consideradas subversivas. O operariado entra em greve por todo o país. Há revoluções no Norte e no Nordeste. Decreta-se o estado de sítio no Brasil. Nessa época, 1936, Graciliano Ramos e outros companheiros comunistas — entre eles o chefe do Partido, Luís Carlos Prestes, — são presos no Rio de Janeiro.

Getúlio implanta o Estado Novo, em 1937, por meio de nova Constituição, de feitio fascista. Vários são os problemas político-sociais ocorridos entre 1939 — início da Primeira Guerra Mundial — e 1945, ano do término do flagelo e da deposição de Vargas, chegando ao fim o Estado Novo. Eurico Gaspar Dutra é eleito presidente da República.

No plano cultural, o período vivencia a popularização do futebol e a oficialização do carnaval e corresponde à época áurea do rádio, o primeiro meio de comunicação de massa no Brasil; cultiva-se o samba-canção e pontificam autores como Noel Rosa, Pixinguinha, Ataulfo Alves, Dorival Caymmi, Francisco Alves, Carmem Miranda, Vicente Celestino.

A época: o segundo tempo modernista no Brasil

O Modernismo brasileiro, movimento artístico nascido em 1922, teve em sua primeira geração o arroubo da novidade. A rigor, o movimento viera com disposição de aniquilar o ideário precedente, de romper abruptamente com o passado mais absoluto. Se o Romantismo propusera a disponibilidade de regras e modelos, como apregou Vítor Hugo, na França, fê-lo com relação ao modelo clássico. O Modernismo, entretanto, intenta romper com toda e qualquer estrutura passadista. Daí o "escândalo" provocado pela Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922.

Passado o calor da primeira fase, observa-se, a partir de 1930, uma postura modernista mais equilibrada: uma postura que, em lugar de se prender pura e simplesmente aos processos de desintegração do passado, torna-se mais voltada para a sobriedade, para um certo equilíbrio emocional, para uma ótica de crítica social e política e pelo interesse de uma visão de conjunto da realidade nacional. Dessa forma, procuram-se consolidar as conquistas de 1922, absorvendo as novas formas e a liberdade de expressão e recuando em relação às propostas mais radicais. O plano ideológico vai sobrepor-se ao plano estético,

enquanto a temática amplia-se, caminhando para o universal. Assim, a produção literária percorre caminhos diferentes, que ilustram a riqueza e a fecundidade do período, em que se destacam:

- A poesia de cunho filosófico-ideológico de Carlos Drummond de Andrade;
- A poesia de cunho espiritualista católico do grupo "Festa", em que se reuniram nomes como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt;
- A poesia de inspiração surrealista de Murilo Mendes;
- A prosa psicológica de caráter intimista e introspectivo cultivada por Érico Veríssimo (em sua obra urbana), Otávio de Faria, Cornélio Pena, Lúcio Cardoso e Cyro dos Anjos, entre outros.
- A prosa regionalista nordestina, de cunho neo-realista, que reuniu o chamado "grupo do nordeste", com autores como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Américo de Almeida, e da qual o maior nome é, sem dúvida, Graciliano Ramos.

Como se vê, se de um lado o romance de 30 retalha e analisa a questão social do país, de norte a sul, por outro também reflete de maneira mais detida sobre o comportamento humano moral e psicológico.

O crítico Alfredo Bosi assim se refere à época:

"Os decênios de 30 e de 40 serão lembrados como a "era do romance brasileiro", E não só da ficção regionalista, mas também da prosa cosmopolita e das páginas de sondagem psicológica e moral.

Os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a revolução, o acelerado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim, por uma certa retomada do naturalismo. E ao realismo científico e impessoal do século XIX nossos romancistas preferiram uma visão crítica das relações sociais.

No caso do romance psicológico, caíram as máscaras mundanas que empetecavam as histórias medíocres da belle époque: agora a introspecção seria feita no esteio da Psicanálise.

Socialismo, freudismo, catolicismo existencial: eis as chaves que serviram para a decifração do homem em sociedade e sustentariam ideologicamente o romance empenhado desses anos fecundos para a prosa narrativa."

O romance regionalista nordestino

O romance cultivado no segundo tempo modernista sofre influências do Realismo-Naturalismo do Século XIX. É por essa razão que essa geração é também chamada de Geração Neorrealista. Produz-se, assim, uma prosa compromissada, engajada, que se marca pela análise, crítica e denúncia social, sugerindo a procura de soluções para as questões apresentadas e que se vai apoiar nos pressupostos herdados do século XIX: o psicologismo associado à dramaticidade das vicissitudes do homem.

Nesse berço, viceja a prosa voltada para o regionalismo nordestino, em busca da retratação de uma realidade dura: a vida agreste daquela região. Há uma abordagem de crítica social, analisando as consequências da seca, da natureza patriarcal instaurada e do coronelismo vigente, mas em deterioração.

Essa visão de análise social e política aponta para uma retomada dos temas abordados pelo Realismo-Naturalismo, abandonando, contudo, o cientificismo e o determinismo que apoiaram a literatura do século precedente. É o chamado Neorrealismo, surgido com o "Grupo Regionalista do Recife", em 1928.

Tem-se, entre José Américo de Almeida (*A bagaceira*), Rachel de Queiroz, (*O quinze*), e Jorge Amado (*Cacau*, *Jubiabá*), José Lins do Rego e Graciliano Ramos como os grandes expoentes dessa tendência, sendo Graciliano considerado o maior dos neorrealistas.

O autor

Nasceu em 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrângulo, Alagoas. Aos dois anos de idade, muda-se com a família para Pernambuco. Logo depois, no mesmo ano, retorna para Alagoas, residindo, até 1914, em Viçosa e em Palmeira dos Índios. Filho de comerciante, na empresa do pai estuda e trabalha. Em 1914 vai para o Rio de Janeiro. No ano de 1915 retorna a Palmeira dos Índios, onde se casa com Maria Augusta Barros, a qual morre no ano de 1920. Trabalhando no comércio, Graciliano colabora com a imprensa local.

No ano de 1928, o romancista casa-se novamente, e é eleito prefeito de sua cidade. Nesse período conclui a escritura do romance *Caetés*.

Renunciando ao cargo de prefeito, transfere-se para a capital alagoana e é nomeado diretor da Imprensa Oficial. Em 1931, demite-se do cargo. No ano de 1932, está de volta a Palmeira dos Índios, funda uma escola e escreve sua obra *São Bernardo*, publicada em 1934. Em suas idas e vindas, termina, em 1933, novamente em Maceió e é nomeado diretor da Instrução Pública. Suas ideias políticas revolucionárias resultam a prisão e demissão do cargo público no Rio de Janeiro, no ano de 1936. Posto em liberdade no ano seguinte, fixa residência no Rio de Janeiro. Em 1938 publica *Vidas Secas*.

Um ano depois, 1939, ascende ao posto de inspetor federal de Ensino. Filia-se ao Partido Comunista em 45, visita a Tchecoslováquia e a URSS em 1952. Falece no Rio de Janeiro, em 20 de março de 1953.

A narrativa: reminiscências de um passado espraído no presente

O romance intitulado *São Bernardo* evoca a fazenda de mesmo nome, adquirida por Paulo Honório, centro da observação psicossocial de Graciliano Ramos e narrador-personagem, cujo objetivo é a reificação, ou seja, transformar pessoas em objetos que sirvam a seus interesses mesquinhos.

A obra aborda a relação do “indivíduo” com o “sistema” e destes com o “espaço”, ponto de convergência da vida desumana de Paulo Honório.

Para tanto, o autor se vale da narrativa em primeira pessoa, fator de exposição do caráter do narrador-personagem, o fazendeiro Paulo Honório.

Honório é rude, despreparado social e intelectualmente, voltado para a ganância do dinheiro e, sobretudo para a volúpia da dominação de tudo e de todos. Ele mesmo se ocupa da narrativa, num processo de retrospectiva que justifica o momento presente.

A narrativa constrói um romance em que Paulo Honório relata sua própria vida, reminiscências de um passado que se espraia sobre o presente: é uma amarga reflexão sobre os erros cometidos na relação familiar e social, fator da solidão que ora o castiga.

Enredo: somente coisas

Paulo Honório, o narrador-personagem, pretende, de início, elaborar a obra como um trabalho atribuído a vários participantes, para isto, Paulo Honório impõe a distribuição dos “afazeres literários” — espécie de coautoria — a outras personagens. Todavia, essa proposta não é levada adiante, uma vez que ele discorda do conjunto, teme expor sua intimidade e, por isso, relega a ideia a um segundo plano. Tal atitude reforça o caráter personalista, egoísta de Paulo Honório.

O seguinte trecho da obra manifesta muito do caráter dominador de Paulo Honório:

“João Nogueira queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante. Calculem.

Padre Silvestre recebeu-me friamente. Depois da revolução de outubro, tornou-se uma fera, exige devassas rigorosas e castigos para os que não usaram lenços vermelhos. Torceu a cara. E éramos amigos. Patriota. Está direito: cada qual tem as suas manias.

Afastei-o da combinação e concentrei as minhas esperanças em Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, periodista de boa índole e que escreve o que lhe mandam.

Trabalhamos alguns dias. À tardinha Azevedo Gondim entregava a redação ao Arquimedes, trancava a gaveta onde guarda os níqueis e as pratas, tomava a bicicleta e, pedalando meia hora pela estrada de rodagem que ultimamente Casemiro Lopes andava a consertar com dois ou três homens, alcançava São Bernardo. Comentava os telegramas dos jornais, atacava o governo, bebia um copo de conhaque que Maria das Dores lhe trazia e, sentindo-se necessário, comandava com submissão.[...]

[...] O resultado foi um desastre. Quinze dias depois do nosso primeiro encontro, o redator do Cruzeiro apresentou-me dois capítulos datilografados, tão cheios de besteiras que me zanguei:

— Vá para o inferno, Gondim. Você acanhalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!

Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacos da sua pequenina vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.

Não pode? Perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.

Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia.

Levantei-me e encostei-me à balastrada para ver de perto o touro limosino que Marciano conduzia ao estábulo.”

Pelo visto, o narrador jamais tem culpa: ela sempre é dos que o rodeiam. Embora o foco narrativo seja em primeira pessoa, o narrador alude a terceiros e à fazenda. A narrativa apresenta um Paulo Honório que mescla o passado e o presente, atribuindo àquele as vicissitudes deste.

Sempre impossibilitado de manter um relacionamento sadio com os circunstantes, Paulo Honório decide enfrentar sozinho a tarefa a que se propôs.

Há o registro de três momentos na existência de Paulo Honório:

o período da juventude pobre e esforçada para atingir sucesso material:

“...Afinal, cansado daquela vida de cigano, voltei para a mata [...] Resolvi estabelecer-me aqui na minha terra, município de Viçosa, Alagoas, e logo planejei adquirir a propriedade S. Bernardo, onde trabalhei no eito, com salário de cinco tostões.” [...] o período da consecução dos objetivos: posse de bens, dinheiro e dominação das pessoas.

“Está aí. Resolvi escolher uma companheira. E como a senhora me quadra... Sim, como me engracei da senhora, quando a vi pela primeira vez... [...] A senhora, pelo que me mostra e pelas informações que peguei, é sisuda, econômica, sabe onde tem as vendas e pode dar uma boa mãe de família...”

O período da solidão, quando resolve narrar sua sina:

“Foi esse modo de vida que me inutilizou. Sou um aleijado. Devo Ter um coração miúdo, lacunas no cérebro, nervos diferentes dos outros homens...[...] Se aparecesse alguém...Estão todos dormindo.

Se, ao menos, a criança chorasse... Nem sequer tenho amizade a meu filho. Que miséria!”

O narrador-personagem fora abandonado pelos pais e criado por “uma negra”, Margarida, que era doceira. Aos dezoito anos, tem a primeira experiência sexual e também a primeira violência: agride a facadas um indivíduo, João Fagundes, o qual se engraçara com a moça que ele “possuía”.

Paulo Honório trabalhou na lavoura e foi empregado na Fazenda São Bernardo, de que mais tarde seria o proprietário, realizando um dos seus desígnios.

Tem sede de dinheiro e de poder. Guarda cada centavo e explora a quem pode. Torna-se amigo do herdeiro da Fazenda São Bernardo, Luís Padilha, um bêbado e mulherengo gastador. Dessa aproximação começa a derrocada de Luís Padilha, que se endivida com Paulo Honório, até perder para ele a fazenda.

Agora, proprietário, Paulo Honório investe tudo quanto pode na fazenda e a faz prosperar. Torna-se rico, utilizando toda sorte de falcatura e expediente malévolo, apoiado por seu advogado, João Nogueira.

Casa-se com Madalena, uma professora com boa formação social e, por isto, vem a interferir nos desmandos do fazendeiro. Madalena, a despeito do que pretende Paulo Honório, ajuda os empregados da São Bernardo.

Esse apoio, sem dúvida, é mal visto por Paulo Honório: para ele, os investimentos sociais são esbanjamento de dinheiro.

A relação com Madalena é difícil desde o início. Logo depois de oito dias do casamento já há brigas que se avolumam num crescendo. Paulo Honório quer a posse de tudo e de todos, mas encontra resistência em Madalena: ela não se transforma em sua “propriedade”. O filho, resultado dessa união, não é amado pelo fazendeiro, amargurado em descrenças e ciúmes de Madalena:

“...Afastava-me, lento, ia ver o pequeno, que engatinhava pelos quartos, às quedas, abandonado. Acocorava-me e examinava-o ...Nariz chato. ...

E o pequeno continuava a arrastar-se, caindo, chorando, feio como os pecados.”

Paulo Honório nutre desconfiança quanto à fidelidade da mulher — já que não lhe deve ser fiel quem se opõe a seus objetivos de dominação — e seu ciúme estende-se a todos os homens da fazenda. Os maus tratos de Paulo Honório levam Madalena ao suicídio:

“[...] Três anos de casado. Fazia exatamente um ano que tinha começado o diabo do ciúme.

A serraria apitou; as suíças de seu Ribeiro surgiram a uma janela; Maria das Dores abriu as portas; Casimiro Lopes apareceu com uma braçada de hortaliças.

Desci ao açude. Derreado, as cadeiras doendo. Que noite! Despi-me entre as bananeiras, meti-me na água, mergulhei e nadei.

Quando cheguei a casa, o sol já estava alto. O espinhaço ainda me doía. Que noite!

Subindo os degraus da calçada, ouvi gritos horríveis lá dentro.

Que diabo de chamego é este?

Entrei apressado, atravessei o corredor do lado direito e no meu quarto dei com algumas pessoas soltando exclamações. Arredei-as e estaquei: Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos vidrados, espuma no canto da boca. [...]

[...] No soalho havia mancha de líquido e cacos de vidro. [...]

A partir desse episódio, Paulo Honório vai perdendo aqueles que o rodeiam, interna-se num comportamento arredio, deixa arrefecer o interesse pela São Bernardo. Por esta época vem a crise político-econômica de 1930.

A figura de Madalena não o abandona. Sem Madalena, ele percebe nuances de um carinho que jamais demonstrara, transformado em necessidade:

— “Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração.[...]”

“[...]Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.

E falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? ...”

Entretanto, Paulo Honório não tem forças para regenerar-se, despreza os que ainda o rodeiam e afunda no isolamento para escrever um romance que talvez lhe dê o sentido da existência.

As personagens principais

- **Paulo Honório:** narrador-participante, protagonista do enredo. Abandonado pelos pais, foi criado por uma preta velha, de nome Margarida, uma doceira. Executou tarefas humildes: guia de cegos, vendedor de doces e homem da enxada, inclusive na fazenda de que se tornaria proprietário. Tendo sido preso pelo cometimento de um crime, foi alfabetizado na cadeia, “para que ninguém o ludibriasse.” Paulo Honório era ambiciosíssimo, e não media esforços para obter lucros. Casou com Madalena a quem maltratou até o suicídio.
- **Madalena:** mulher de Paulo Honório, era instruída e de boa índole. Casada, recriminava as atitudes grosseiras e exploradoras do marido. Em solteira, não conseguira emprego por falta de apadrinhamento político. Seu casamento com Paulo Honório é um meio de ajudar os pobres, seu intento, entretanto, é cerceado pela brutalidade de Paulo Honório. Suicida-se por causa dos desgostos e dos maus tratos.
- **Dona Glória:** quando Madalena transferiu-se para a fazenda, D. Glória, a tia, acompanhou-a. Vivia de pequenos trabalhos.
- **Luís Padilha:** herdeiro da São Bernardo, era preguiçoso, dado ao alcoolismo e à vida boêmia. Dilapidou a fortuna paterna e terminou por cair nas garras de Paulo Honório, nos empréstimos a juros. Terminou por entregar a fazenda por uma quantia irrisória, para tornar-se, no dizer de Paulo Honório, um subversivo.

- **Seu Ribeiro** : homem de apreciável passado, que, no final da vida, por desgraça da existência, vai trabalhar para Paulo Honório.
- **Padre Silvestre**: vigário do local. Celebrou o casamento de Paulo Honório com Madalena.

Outras personagens: João Nogueira, o jornalista Lúcio Gomes de Azevedo Gondim, Casimiro Lopes, capanga de Paulo Honório e outros.

O foco narrativo

O foco narrativo é de primeira pessoa. Sob o ponto-de-vista do narrador-personagem, Paulo Honório, o enredo desenvolve-se apontando para um tom confessional, um relato do passado que ele procura de certa forma explicar, sem, entretanto, necessariamente responsabilizar-se por isto. *“A culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.”*

O processo narrativo mostra um Paulo Honório desafiando um passado que o tortura e um presente que o castiga, tudo porém, irremediável, já que ele não tem condições de recompor sua história.

O tempo

O tempo é predominantemente psicológico, já que o narrador-personagem faz o levantamento de sua vida, chegando a retroceder cinquenta anos, ao falar de suas origens. Conta sua história, para resgatar o que perdeu, principalmente, para recuperar a presença de Madalena. Tenta, ao resgatar o passado, recuperar também seu domínio sobre as coisas.

A partir do capítulo XIX, o tempo do enunciado — a retrospectiva da vida de Paulo Honório — encontra-se com o tempo da enunciação — o momento em que a narrativa está sendo elaborada, redigida pelo narrador. Assim misturados, os dois tempos possibilitam o predomínio do universo subjetivo de Paulo Honório sobre a objetividade dos fatos narrados, com a predominância do discurso indireto livre na narrativa.

O espaço

A narrativa privilegia o espaço da fazenda São Bernardo, no município de Viçosa, interior de Alagoas. O narrador vale-se da técnica cinematográfica, aproximando e distanciando o foco do alvo desejado. Além de São Bernardo, outros ambientes se destacam, como a casa do juiz Magalhães e a casinha de solteira de Madalena.

O estilo

A respeito do estilo em *São Bernardo*, assim se manifesta o Professor Antônio Cândido:

“Acompanhando a natureza da personagem, tudo em São Bernardo é seco, bruto, cortante. Talvez não haja em nossa literatura outro livro tão reduzido ao essencial, capaz de exprimir tanta coisa em resumo tão estreito. Por isso é inesgotável o seu fascínio, pois poucos darão, quanto ele, semelhante ideia de perfeição, de ajuste ideal entre os elementos que compõem um romance.”

Graciliano emprega períodos curtos, a linguagem é seca, densa e cortante. Veja-se, novamente a opinião do Professor Antônio Cândido:

“...O próprio estilo, graças à secura e violência dos períodos curtos, em que a expressão densa e cortante é penosamente obtida, parece indicar essa passagem da vontade de construir à vontade de análise, resultando um livro direto e sem subterfúgio, honesto ao modo de um caderno de notas. [...]”

Percebe-se, assim, que a expressão de Graciliano Ramos é densa, precisa, exata.

Comentários gerais

A Paulo Honório são conferidas características da situação política econômica e social que se vinha impondo na época: ele representa o progresso frio, desumano que, independente dos meios, vai em busca de um fim: a riqueza.

Há no enredo, em contrapartida, a figura de seu Honório, representante de uma sociedade patriarcal em franco desmoronamento, soterrada pela nova visão capitalista. Deste ponto de vista o autor tece uma história em que a ambição conduz o homem à sua própria derrota e à daqueles que o cercam.

O livro, em sua estrutura, acompanha o caráter do narrador-personagem: esgueirado, calculista, seco, resumido. Paulo Honório só ambiciona ao poder: a posse dos bens materiais justifica toda e qualquer atitude — até mesmo transformar pessoas em objetos. Não há respeito pela individualidade: tudo e todos têm de se amoldar aos interesses do patrão.

A verossimilhança confirma-se pelo fato de que tudo se concentra na óptica de Paulo Honório: o mundo narrado é absolutamente o dele, criado por ele, movido por ele. Tudo o mais é circunstancial e, se não o for, deve excluir-se, de alguma forma, como se excluiu, pelo suicídio, a Madalena. Mas, a própria exclusão dela não se dá sem um ônus: Paulo Honório é perseguido pela presença constante de Madalena.

Atividades

1. — História! Dê um salto a S. Bernardo para eu lhe mostrar o que é uma lavoura de fazer água na boca.

Essa conversa, é claro, não saiu de cabo a rabo, como está no papel.”

Através da leitura da obra, pode-se afirmar que a posse de São Bernardo constituiu um dos grandes ideais de vida de Paulo Honório, o narrador: trata-se de uma personagem movida, sobretudo, pelo desejo de posse.

Comente, pela ordem dos acontecimentos na história, quais as outras duas “coisas” que ele pretendeu possuir e como as obteve.

2. “D. Glória enrugou e desenrugou a cara:

— Cada qual tem o seu meio de vida.”

Com base na leitura da obra, responda: quem é, no romance, a personagem D. Glória? Qual a opinião dela sobre o narrador?

Texto para as questões 3 e 4:

“Quando arrastei Costa Brito para o relógio oficial, apliquei-lhe uns quatro ou cinco palavrões obscenos. Esses palavrões, desnecessários porque não aumentaram nem diminuíram o valor das chicotadas, sumiram-se, conforme notará quem reler a cena da agressão, cena que, expurgada dessas indecências, está descrita com bastante sobriedade.”

3. Relacione o excerto acima ao estilo do narrador de São Bernardo e à sua ideia inicial de como o livro seria produzido. Por que ele desistiu de tal ideia?

4. Quem é, na história, o Costa Brito?

Texto para as questões 5 e 6:

"A questão do Pereira estava dormindo no cartório, esperando que o juiz de direito desse uma penada nos autos. João Nogueira disse-me isso uma tarde. Eu então, ligando o caso do Pereira aos predicados de D. Marcela, desci no dia seguinte à cidade, resolvido a visitar o Dr. Magalhães.

Encontrei-o à noitinha no salão, que servia de gabinete de trabalho, com a filha e três visitantes: João Nogueira, uma senhora de preto, alta, velha, magra, outra senhora moça, loura e bonita.

Estavam calados, em dois grupos, os homens separados das mulheres.

O Dr. Magalhães é pequenino, tem um nariz grande, um pince-nez e por detrás do pince-nez uns olhinhos risonhos. Os beiços, delgados, apertam-se. Só se descolam para o Dr. Magalhães falar a respeito da sua pessoa. Também quando entra neste assunto, não pára.

Naquele momento, porém, como já disse, conservavam-se todos em silêncio. D. Marcela sorria para a senhora nova e loura, que sorria também, mostrando os dentinhos brancos. Comparei as duas, e a importância da minha visita teve uma redução de cinquenta por cento.

Larguei, pois, D. Marcela e procurei, por meios indiretos, arrancar do juiz as linhas indispensáveis ao advogado.

O Dr. Magalhães passou a mão pela testa e perguntou:

— Quais são os jornais que o senhor assina?

Respondi que assinava revistas de agricultura, a folha do partido, o Cruzeiro e a Gazeta. Elogiei Azevedo Gondin e ataquei o Brito.

— Um caradura, não é?

O Dr. Magalhães amoitou-se. João Nogueira foi à estante de duas prateleiras, tirou um livro, voltou a sentar-se e começou a ler.

Necessitando pensar, pensei que é esquisito este costume de viverem os machos apartados das fêmeas. Quando se entendem, quase sempre são levados por motivos que se referem ao sexo. Vem daí talvez a malícia excessiva que há em torno de coisas feitas inocentemente. Dirijo-me a uma senhora, e ela se encolhe e se arrepia toda. Se não se encolhe nem se arrepia, um sujeito que está de fora jura que há safadeza no caso."

Graciliano Ramos, São Bernardo

5. "D. Marcela sorria para a senhora nova e loura, que sorria também, mostrando os dentinhos brancos. Comparei as duas, e a importância da minha visita teve uma redução de cinquenta por cento."

Quem é, na história, a "senhora nova e loura", de que fala o texto?

6. Baseando-se na leitura da obra como um todo, explique por que o narrador afirma que a importância de sua visita "teve uma redução de cinquenta por cento."